

“Para nós o trabalho é restrito e sem glória” (Anais IV, 32, 2): *Captatio Benevolentiae* e *Amplificatio*, nos Anais, de Tácito

Ygor Klain Belchior

Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Optamos em destacar dois pontos essenciais, que se encontram explicitados no título de nosso artigo (*amplificatio* e *captatio benevolentiae*), para o debate a respeito da historiografia antiga como pertencente ao campo discursivo (oratória), como também em preceitos retóricos (como a Retórica aristotélica). Esses temas, completamente relacionados com a empatia retórica- oratória e orador- ouvinte, nos são apresentados como eixos importantes para nossa tentativa de contribuir a respeito das ideias sobre a História, Retórica e Ficção para os antigos. Desta maneira, iremos nos atentar para os manuais sobre retórica e oratória escritos na antiguidade e tentaremos delinear como a atividade historiográfica realizada por Tácito se apropria de elementos extraídos dessas outras partes do saber, como as figuras retóricas que eram destinadas a produção de discursos (*amplificatio* e *captatio benevolentiae*), e estavam intimamente ligados à persuasão (*fides*) e o deleite que era produzido pelas palavras do orador (*delectare*).

Palavras-chave: Historiografia antiga; Retórica; Tácito.

"For us the work is restricted and without glory" (Annals IV, 32, 2): *Captatio Benevolentiae* and *Amplificatio* in the Annals of Tacitus

Abstract: We chose to highlight two key points, which are explained in the title of our article (*amplificatio* and *captatio benevolentiae*), to the debate about the ancient historiography as belonging to a discursive field (oratory) and founded in rhetorical precepts (such as Aristotle's *Rhetoric*). These themes, completely related to empathy rhetoric- oratory and speaker- listener, are presented as key hubs for our attempt to contribute about the relation of History, Rhetoric and Fiction to the ancient world. Thus, we will pay attention to the handbooks on rhetoric and oratory in ancient tradition and try to outline how the

historiographical activity performed by Tacitus is based in elements extracted from other parts of ancient knowledge, such as rhetorical figures that were intended to produce oratory speech (*amplificatio* and *captatio benevolentiae*), linked to persuasion (*fides*) and the delight that was produced by the spoken words of the orator (*delectare*).

Keywords: Ancient Historiography; Rhetoric; Tacitus.

Tácito, como um orador, nunca deixou de expressar em seus discursos o descontentamento que possuía com a falta de liberdade de expressão durante os anos do Principado¹⁰⁴. Para ele, a supressão da *libertas* era tão nociva para o fim da verdade quanto o era para a política romana. O medo, a adulação eram ingredientes de uma crítica bem direcionada à falta dos grandes embates políticos, essenciais para expressar a liberdade e o sentimento de autonomia por parte do Senado. Sobre essa perspectiva, Fábio Duarte Joly considera que a oposição entre *libertas* e *servitas* aparece como termos dicotômicos quando Tácito contrapõe o Principado à República. A *libertas* republicana é definida principalmente como uma liberdade de expressão no contexto de uma estrutura poliárquica de governo. Já, os elementos que remetem à *servitas* imperial são utilizados para descrever uma nova forma de governo, que não era fundada na liberdade, mas sim na escravidão voluntária por parte da elite senatorial (JOLY, 2004: 116.).

Essa oposição que procura demarcar dois tempos distintos, antes de Augusto e depois, também é evidente em outra obra de autoria de Tácito, o “Diálogo dos oradores”, onde é possível perceber que a dependência dos poderes do príncipe, característica do Principado, não mais favoreceu a eloquência e os debates sobre grandes as questões da *respublica*, apesar de representar um período de estabilidade e de paz. Ou seja, referindo-se aos anos do período republicano, Tácito nos oferece as seguintes palavras:

Também a nossa Cidade, enquanto andou sem rumo, enquanto se arruinou com partidos, com dissensões e discórdias, enquanto não houve paz alguma no foro, concórdia alguma no Senado, moderação alguma nos tribunais, respeito algum pelos superiores, barreira alguma aos magistrados, produziu sem dúvida uma eloquência mais forte, exatamente como um

¹⁰⁴ Podemos citar algumas passagens que comprovam essa afirmação. Como exemplo, em Diálogo dos Oradores, 40, Tácito afirma que: “essa grande e notável eloquência se alimenta da licença, a que chamam os tolos de liberdade, é companheira das sedições, incitamento do povo desenfreado, sem respeito e sem obediência, contumaz, temerária, arrogante, e que não surge nas coletividades bem organizadas” (*quam stulti libertatem vocitant, comes seditionum, effrenati populi incitamentum, sine obsequio, sine severitate, contumax, temeraria, adrogans, quae in bene constitutis civitatibus non oritur*). Tradução de Agostinho da Silva Cf. (TÁCITO, 1974). Além disso, os proêmios das “Histórias” e dos “Anais” colocam em evidência a intenção do autor em contrapor dois períodos distintos, o primeiro onde havia liberdade para se expressar (e que podemos relacionar com os anos antecedentes a “restauração de Augusto” e o principado de Trajano) e, por outro lado, o período do Principado que para ele é marcado pela supressão da liberdade de expressão e pelo falseamento das narrativas. Outras passagens, como o proêmio da “Vida de Agrícola” também demonstram essa mesma preocupação. Nas palavras de Tácito: “Agora, porém, ao ir narrar a vida de um morto, é-me necessária uma indulgência que não pediria se fosse para acusar tempos tão duros e tão infesto aos valores” (*At nunc narratur mihi vitam defuncti hominis venia opus fuit, quam non petissem incusaturus: tam saeva et infesta virtutibus tempora*) Tradução de Agostinho da Silva Cf. (TÁCITO, 1974).

campo inulto tem mais vigorosas plantas (Tácio, *Diálogo dos Oradores*, 40)¹⁰⁵.

Nesse mesmo sentido, o Principado é estabelecido como outra realidade para a prática da oratória que já não era aquela calcada nos exercícios retóricos e dos *tópoi* discursivos, mas na corrupção dos costumes, nas delações e na aproximação para com o imperador¹⁰⁶. Essa ociosidade da eloquência poderia, na versão de Tácito, ser maléfica para a política romana, além de ser um caminho extremamente fácil para a total supressão da liberdade e para a não necessidade de se recorrer a uma boa oratória para se conquistar os ouvintes. Formulação que pode ser traduzida através de uma metáfora, ou seja, nas palavras de Tácito,

Quem ignora que é mais útil e melhor fruir da paz do que ser afligido pela guerra? No entanto, mais guerreiros bons produzem a guerra do que a paz. Quanto à eloquência é semelhante a condição (Tácito, *Diálogo dos Oradores*, 37)¹⁰⁷.

Essas metáforas militares permeiam o cenário comum entre os retores e tratadistas latinos que se debruçaram sobre temas relacionados ao desenvolvimento da eloquência. Dentre essas práticas de ensino, podemos destacar o desenvolvimento de métodos para os exercícios de escrita e declamação através de exemplos que envolviam a constante referência aos embates forenses e literários. Como exemplo dessa afirmação, podemos recorrer novamente à citação anterior e afirmar que o ambiente ideal para o desenvolvimento de bons oradores consistia em um ambiente hostil, marcado pela metáfora da guerra. Dentro dessa proposta, portanto, o orador ideal deveria praticar suas palavras como fosse um soldado pronto para a batalha que seria travada em favor da conquista dos juízes/ ouvintes.

Assim, dentro dessas considerações, podemos afirmar que cabia ao orador antigo

¹⁰⁵ Tradução de Agostinho da Silva Cf. (TÁCITO, 1974).

¹⁰⁶ O prefácio do *Diálogo dos Oradores* resume essa perspectiva. Nas palavras de Tácito: “por que motivo, ao passo que os séculos anteriores, floresceram nos talentos e na fama de tantos oradores eminentes, a nossa época, realmente, como que abandonada, como que órfã da glória da eloquência, mal conserva o nome de orador; já assim não chamamos senão os antigos, e, aos eloquentes de nossos tempos, os tratamos de causídicos, de advogados, de defensores, de preferência a oradores” (Tácito, *Diálogo dos Oradores*, 1). cur, cum priora saecula tot eminentium oratorum ingeniis gloriaque floruerint, nostra potissimum aetas deserta et laude eloquentiae orbata vix nomen ipsum oratoris retineat; neque enim ita appellamus nisi antiquos, horum autem temporum disertis causidici et advocati et patroni et quidvis potius quam oratores vocantur. Tradução de Agostinho da Silva Cf. (TÁCITO, 1974).

¹⁰⁷ Tradução de Agostinho da Silva Cf. (TÁCITO, 1974).

tecer meios para que o seu discurso pudesse atingir o ânimo da plateia, a ponto de convencê-la que a sua versão dos fatos deveria ser confiada à eternidade, seja através da sua fidelidade com a “verdade” ou até mesmo através da noção de que o assunto tratado é muito importante. Dessa maneira, como a prática oratória estava intrinsecamente atrelada às emoções dos ouvintes, apresentar uma causa muito importante para a vida pública e correlata com os acontecimentos que cercam ou são almejados pelos seus contemporâneos seria uma boa maneira de fazer com que o seu discurso fosse ouvido e gravado nas mentes dos ouvintes. Proposta que pode ser confirmada pelo tratado anônimo, intitulado *Retórica a Herênio*. Nas palavras do *auctor*:

Visto, então, que desejamos ter um ouvinte dócil, benevolente e atento, explicaremos o que se pode fazer e de que modo. Poderemos fazer dóceis os ouvintes se expusermos brevemente a súmula da causa e se os tornarmos atentos, pois é dócil aquele que deseja ouvir atentamente. Teremos ouvintes atentos se prometermos falar da matéria importante, nova e extraordinária ou que diz respeito à República, ou aos próprios ouvintes, ou ao culto dos deuses imortais; se pedirmos que ouçam atentamente e se enumerarmos o que vamos dizer. Podemos tornar os ouvintes benevolentes de quatro maneiras: baseados em nossa pessoa, na de nossos adversários, na dos ouvintes e na própria matéria (*Retórica a Herênio*, I, 7 e 8) ¹⁰⁸.

No campo da historiografia antiga, uma das maneiras de se realizar esse mesmo procedimento de *capitatio benevolentiae* era através do diálogo com historiadores antecedentes e que escreveram sobre a mesma matéria que será tratada pelo orador. Nesse sentido, observamos elogios e vitupérios relacionados à veracidade dos fatos, a grandiosidade dos acontecimentos e até mesmo elogios que destacam a importância do próprio gênero escolhido. Além disso, outros exemplos, como o prefácio da “História de Roma” (*Ab Urbe condita libri*) de Tito Lívio, e o primeiro prefácio dos *Anais* de Tácito, ilustram muito bem como os oradores se colocam a disposição do ouvinte e justificam a importância e a diferença de sua obra, mesmo se, em alguns casos, ela trate de temas que já foram muito bem trabalhados ¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra Cf. (CÍCERO, 2005).

¹⁰⁹ Citamos o prefácio escrito por Tito Lívio: Se me terá valido a pena escrever minuciosamente os feitos do povo romano desde os primórdios da cidade, não sei bem, nem, se soubesse, ousaria dizê-lo, pois vejo que o

Além disso, conforme destacamos anteriormente, após conquistar a benevolência do ouvinte, o orador passava para outra tarefa essencial no processo de sobressair a sua obra das demais: a amplificação. Na história, este instrumento retórico também era comumente utilizado para destacar e aumentar a importância dos acontecimentos narrados pelo historiador. Como exemplo desta afirmação, podemos citar o prefácio escrito por Tucídides:

O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores, pois via que ambas as partes estavam preparadas em todos os sentidos; além disto, observava os demais helenos aderindo a um lado ou ao outro, uns imediatamente, os restantes pensando em fazê-lo. Com efeito, tratava-se do maior movimento jamais realizado pelos helenos, estendendo-se também a alguns povos bárbaros - a bem dizer à maior parte da humanidade (Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, I, 1) ¹¹⁰.

Como sabemos, Tucídides afirma que irá narrar os acontecimentos de uma guerra que não será qualquer uma presenciada pelo homem, ela será a maior de todas! Nesse sentido, e somado a outras referências de sua obra, podemos perceber uma contraposição bem direcionada aos relatos de Heródoto de Túrio, outro historiador, que narra os feitos memoráveis da guerra entre os gregos e os persas. Para tanto, Tucídides procura se posicionar de maneira adversa ao seu antecessor, mesmo escolhendo como objeto de sua história uma guerra, tal como o fez Heródoto ¹¹¹. Já, o historiador grego, Políbio, também ressalta no exórdio de sua história pragmática a importância e a singularidade dos eventos tratados, demonstrando que amplificação não era destinada apenas a histórias militares e acontecimentos rápidos e particulares. Afinal, quem não se interessaria em saber como os

assunto é tão antiquado quanto banal, enquanto os sempre novos escritores creem que acrescentarão algo de novo aos fatos ou superarão a rude Antiguidade de escrever. Seja como for, agradecerá pelo menos ter velado eu próprio, na medida dos meios humanos, pela memória dos feitos realizados pelo povo que é senhor da terra; e se, numa turba tão grande de escritores, minha fama ficasse obscurecida, me consolaria a nobreza dos que fazem sombra a meu nome. (Tito Lívio, *História de Roma*, I, 4).

¹¹⁰ Tradução de Mário da Gama Kury Cf. (TUCÍDIDES, 1982).

¹¹¹ “Esta a exposição e investigação de Heródoto de Túrio, para que nem os acontecimentos provocados pelos homens, com o tempo sejam apagados, nem as obras grandes e admiráveis, trazidas à luz tanto para gregos quanto para bárbaros, se tornem sem fama – e, no mais, investigação também da causa pela qual fizeram guerra uns contra os outros”. (Heródoto, *História*, I, 1). Tradução de J. Brito Broca e introdução de Vítor Azevedo Cf. (HERÓDOTO, 2001).

romanos se tornaram senhores de todo o mundo conhecido? ¹¹²

Através dessas análises anteriormente expostas, podemos perceber que na historiografia antiga a *amplificatio* estava relacionada com a *capitatio benevolentiae*, inclusive, servindo como um exercício retórico para destacar a singularidade e a importância dos acontecimentos narrados pelo historiador antigo, cativando, assim, a atenção de sua audiência. Somado a isso, também podemos apontar que esses exercícios poderiam ser realizados através de argumentos baseados na noção de que os acontecimentos narrados eram imprescindíveis para a *respublica* (no âmbito da deliberação), ou, através da apresentação de acontecimentos que motivaram determinadas ações (no âmbito judiciário), ou, ainda, no louvor e vitupério dos homens e mulheres ilustres (no âmbito do epidídico).

Portanto, podemos perceber que o estudo desses dois instrumentos retóricos atuantes na construção de um discurso antigo, como a história, e denominados de *capitatio benevolentia* e a *amplificatio*, possui uma importância singular para entendermos as narrativas antigas, já que nos fornecem questões para pensarmos sobre o destaque dado ao tema escolhido, o posicionamento do historiador em relação a outros, podendo até mesmo nos fornecer possibilidades para pensarmos o objetivo dessas narrativas. Somado a essas ideias, podemos ainda confrontá-las com as questões que envolvem a “paz” intelectual imposta pelo Principado. Como vimos, em Tácito o medo e a adulação foram atuantes no desaparecimento da verdade e da independência, até mesmo a intelectual, diante dos poderes do príncipe. Essa preocupação era imprescindível se o autor quisesse conservar a sua vida, pois os elogios e os vitupérios, seja dos homens do presente ou do passado, poderiam acarretar numa morte certa ¹¹³.

No entanto, como sabemos, muitas obras do período do Principado chegaram até nós. Isso significa que, apesar da censura, podemos ainda encontrar sobreviventes que

¹¹² “Evidentemente, portanto, ninguém – e eu menos que qualquer outro – julgar-se-ia atualmente obrigado a repetir conceitos já expressos tão bem e com tanta frequência. Com efeito, a própria singularidade dos eventos escolhidos por mim para meu tema será suficiente para desafiar e incitar a totalidade dos leitores [ouvintes] sejam eles jovens ou idosos, a conhecer a minha história pragmática” (Políbio, História, I, 4). Tradução de Mário da Gama Kury Cf. POLÍBIO, 1996.

¹¹³ Conforme ilustrado por Tácito em Vida de Agrícola, III: “Mas, que havemos de fazer se, durante quinze anos, tempo grande em vida de mortal, desapareceram muitos por acaso da sorte, os mais decididos, porém, pela crueldade do Príncipe, e só poucos, e, por assim dizer, como que sobrevivendo já não aos outros, mas a nós próprios” (*Quid, si per quindecim annos, grande mortalis aevi spatium, multi fortuitis casibus, promptissimus quisque saevitia principis interciderunt, pauci et, ut ita dixerim, non modo aliorum sed etiam nostri superstites sumus*) Tradução de Agostinho da Silva Cf. (TÁCITO, 1974).

podem nos fornecer informações importantes a respeito da construção das narrativas históricas. Dessa maneira, pretendemos, nesse momento de nossas reflexões, atentar para o estudo de como a *capitatio benevolentiae* e a *amplificatio* são utilizadas por Tácito na composição de suas obras históricas. Nosso intuito com o estudo desse historiador é o de destacar como Tácito capta a benevolência de sua audiência e qual a amplitude que ele fornece aos assuntos tratados pelos *Anais* e pelas *Histórias*. Além disso, não deixaremos de atentar para os momentos em que o historiador visa captar a atenção de sua audiência, seja através do diálogo com outros autores, ou até mesmo pelo seu posicionamento em relação à “veracidade dos fatos”.

Nesse sentido, iniciamos nossa análise com o proêmio das *Histórias*. Na primeira passagem que destacamos deste proêmio podemos observar que Tácito realiza a apresentação do tema a ser tratado por sua história e também se posiciona em relação à veracidade dos relatos anteriores, construídos no mesmo período de “paz” que fora indicado em *Diálogo dos Oradores*, 37: o Principado. Nas palavras de Tácito:

Começo meu trabalho com o ano do consulado de Sérvio Galba Tito Vínio. Sobre o período anterior, dos 820 anos da fundação da cidade, muitos autores já trataram; e enquanto tiveram que escrever sobre os negócios do povo romano escreveram com igual eloquência e liberdade. Após o conflito de Ácio, e quando se tornou essencial para a paz que o poder residisse em um só homem, os grandes intelectos desapareceram. E o mesmo aconteceu com a verdade. (Tácito, *Histórias*, I, 1).

Posteriormente, nesse mesmo capítulo, o historiador latino arrola as consequências funestas que o medo e a adulação, principados com a nova configuração política, acarretavam na verdade das narrativas e na sujeição dos intelectuais para com o partido de Augusto. No entanto, após essa breve apresentação, o historiador se posiciona como um homem independente em relação à censura imposta por imperadores tirânicos, defendendo a liberdade que era praticada em seu tempo (sob Trajano), e afirmando que, como tal possibilidade era viável, o historiador poderia compor uma história imparcial. Atitude semelhante à demonstrada no primeiro proêmio dos *Anais*. Citamos Tácito:

Mas os antigos feitos do povo romano foram já narrados por ilustres escritores, assim como para o governo de Augusto não

faltaram, até que a adulação crescente fosse corrompendo os mais formosos talentos. De Tibério, Caio, Cláudio e Nero, enquanto vivos o medo não deixou falar com verdade; depois de mortos, o ódio recente falseou as narrativas. Eis porque empreendi narrar, de Augusto pouco e seu fim, e depois o Principado de Tibério e os seguintes, sem ira nem afeição, pois destas causas mantenho distância. (Tácito, *Anais*, I, 1, 2) ¹¹⁴.

Como podemos perceber a principal semelhança entre os dois proêmios citados é que, em ambos, o historiador latino faz referências a outros escritos dos antigos feitos romanos que possuíam liberdade para construir seus relatos, o que, a partir de Augusto, foi corrompido pela crescente adulação que decorria da falta de liberdade e do medo. Assim, podemos afirmar que essa configuração demonstrada por Tácito também nos é apresentada como primordial para entendermos a prática historiográfica no Principado. A sua matéria de estudo (Principado) também servia para modelar a configuração da exposição historiográfica. Tácito menciona que antes do regime instaurado por Augusto não faltaram “ilustres escritores” (*clari scriptores*) nem “formosos talentos” (*decora ingenia*), mas a adulação crescente após Tibério corrompeu a exposição da verdade através do medo ¹¹⁵. Portanto, podemos perceber que a *capitatio benevolentiae* no primeiro prefácio dos *anais* de Tácito consiste em alertar o ouvinte que o historiador não possui vínculos de adulação e nem de ódio contra nenhum dos imperadores que serão trabalhados em sua obra. Tácito, então, se propõe a fazer uma história verdadeira, ou seja, *sine ira et studio*.

Já, por outra via, sobre os assuntos tratados pelo historiador, podemos novamente atentar para continuação do proêmio das *Histórias*, onde percebemos que Tácito também realiza a apresentação de seu tema através da instabilidade e das dúvidas que cercavam o período das guerras civis que se originaram após o governo de Nero, em 68, e que duraram ao longo ano de 69, através do reconhecimento de que a matéria a ser trabalhada é rica em aventuras, guerras e episódios marcados por grandes horrores. Ou seja, através da noção de que seus ouvintes poderiam esperar um relato onde a própria matéria a ser trabalhada já era um atrativo para a sua atenção. Nas palavras de Tácito:

Estou entrando na história de um período rico em desastres, assustado em suas guerras, dilacerado por conflitos civis, e até

¹¹⁴ Tradução de Fábio Duarte Joly Cf. (JOLY, 200: 25).

¹¹⁵ Cf. (Tácito, *Anais*, I, 1, 2).

mesmo na paz cheio de horrores. Quatro imperadores pereceram pela espada. Houve três guerras civis, mais que contra os inimigos estrangeiros, embora havia também muitas vezes guerras que tinham os dois caracteres ao mesmo tempo (Tácito, *Histórias*, I, 2).

Nessa matéria rica em desventuras não cabe ao orador um exercício que exija a aplicação de grandes técnicas retóricas e nem muitos ornamentos. Tácito justifica isso ao afirmar que o período por si só já seria de grande valia para conquistar a atenção dos ouvintes, e que a instabilidade a qual estava sujeita aquelas pessoas que vivenciaram três guerras civis, marcadas pelo relato de que os escravos se revoltavam contra seus mestres e a elite não encontrava mais estabilidade, servia para captar a benevolência de sua plateia por diversas vias: através da amplitude dos fatos e da importância atribuída aos exemplos narrados.

Apesar dessas indicações, podemos perceber que o historiador latino também se preocupa em interromper outro momento da narrativa dos *Anais* para realizar aquilo que os pesquisadores tomam como o segundo próêmio desta obra. Neste segundo próêmio podemos perceber claramente uma forte diferenciação para com o primeiro, quando o historiador latino, também se referindo aos escritores que trataram dos antigos feitos do povo romano, afirma que:

Não desconheço que muitas das coisas que me referi e referirei talvez pareçam pequenas e fugazes para se lembrar, mas ninguém medirá nossos anais com o que foi escrito por aqueles que compuseram os antigos feitos do povo romano, Para aqueles, grandes guerras, reis abatidos e capturados, ou se por ventura, às coisas internas se voltavam, discórdias entre cônsules e tribunos, leis agrárias e frumentárias, disputas entre a plebe e os *optimates*, lembram em livre curso. Para nós o trabalho é restrito e sem glória. De fato uma paz imóvel e moderadamente estimulada, fatos tristes na cidade e um imperador que era indiferente quanto a alargar o Império. Contudo, não terá sido sem uso perscrutar aquelas coisas aparentemente fugazes a partir das quais muitas vezes o motivo de grandes coisas tem origem. (Tácito, *Anais*, IV, 32)¹¹⁶.

¹¹⁶ Tradução de Fábio Duarte Joly Cf. (JOLY, Fábio, 2001: 25-50). [Grifos nossos]

Tácito, ao chamar o ouvinte de sua história, anuncia que a sua tarefa não irá contemplar os eventos que agradam a plateia ¹¹⁷. Ela não será uma história em que o público se interesse pelas palavras do orador, pois, os acontecimentos relatados por ele já não possuem o brilho das épocas passadas. Ou seja, dentro dessa proposta o historiador latino realiza uma inversão na *capitatio benevolentiae* do seu ouvinte, através da depreciação dos temas que possui para compor os seus *Anais*. Dessa maneira, podemos perceber que o historiador latino, ao almejar a conquista da benevolência de seus ouvintes, se demonstra muito preocupado com o deleite que a sua história traria para sua plateia. Essa correlação entre orador – ouvinte, portanto, mais uma vez se coloca como o objetivo final da prática oratória. A história, nesse sentido, não deveria apenas possuir o compromisso com a verdade, mas, também deveria se apropriar de uma matéria que se colocasse como agradável e prazerosa para a plateia.

Com efeito, podemos observar que Tácito realiza uma inversão se compararmos o seu exórdio com as propostas historiográficas anteriormente citadas. Ou seja, Tácito não irá tratar da maior guerra presenciada pelos homens (como fez Tucídides), nem de eventos singulares e importantes (como fez Políbio) e também não escreverá sobre as origens do povo que é senhor do mundo (como fez Tito Lívio). O historiador, apesar de ser imparcial, avisa ao ouvinte que tudo o que compõe a sua obra não será prazeroso de ser ouvido. Mas como Tácito, que declara que vai escrever uma história mais verdadeira do que as anteriores, mesmo possuindo uma matéria ruim para ser trabalhada, consegue alcançar o efeito da conquista dos ouvintes? Seria apenas uma propaganda negativa de seu trabalho? Ou apenas seria uma estratégia retórica?

Se atentarmos mais uma vez para o segundo proêmio, também podemos perceber, assim como destacamos na análise de outros historiadores, que a *capitatio benevolentiae* também estava intrinsecamente ligada a *amplificatio*. Ou seja, o historiador, apesar de indicar que o seu trabalho era ingrato graças à pobre matéria que possuía, consegue atribuir uma utilidade às “coisas aparentemente fugazes” (Tácito, *Anais*, IV, 32, 2). E, essa utilidade que o historiador buscava para atrair a atenção de seu ouvinte pode estar ligada aos acontecimentos que acarretaram grandes mudanças sociais no Império Romano, a partir do ano de 69, ou até mesmo por demonstrar que as intrigas, as delações que

¹¹⁷ Segundo François Hartog: “Bem entendido, retoricamente falando, abaixar-se é a melhor maneira de elevar-se” Cf. (HARTOG, 2001: 11).

geraram a ruína de muitos inocentes estavam presentes no ambiente que o orador e os ouvintes vivenciavam.

Sua história, portanto, começa a ter uma utilidade para o presente. Pois, como “a maioria é instruída pelo que acontece aos outros” (Tácio, *Anais*, IV, 33, 3), cabe ao orador julgar os exemplos bons e ruins e passar aos ouvintes, mesmo “ainda que tragam o mínimo deleite” (Tácio, *Anais*, IV, 33, 3). Portanto, o historiador ao amplificar pequenos eventos e narrá-los como se fossem de extrema importância, consegue instigar o ouvinte e reter a sua atenção, já que é a partir desses acontecimentos desinteressantes que “o motivo de grandes coisas tem origem” (Tácio, *Anais*, IV, 32, 2). E, assim, amplificando as “ordens cruéis, acusações contínuas, amizades enganosas, ruína inocentes e sempre as mesmas causas de morte atrelamos umas às outras” (Tácio, *Anais*, IV, 33, 3), o historiador latino consegue compor uma obra cujo objetivo, ao contrário das interpretações em contraposição à tirania, ressalta as intrigas, as mulheres poderosas, os imperadores fracos, as delações e mentiras, objetos de uma matéria “ruim” que devem ser levados em consideração pelos seus ouvintes.

Em um regime onde a verdade desmedida poderia ser nociva cabia ao historiador a exposição de seu argumento através de ambiguidades, metáforas, inversão das orações e utilização de elementos poéticos e da tragédia, que poderiam ser uma boa forma de continuar vivo (O’GORMAN, 2000). Essas estratégias separam Tácito da tradição historiográfica que descrevemos de Heródoto, Tucídides, Políbio, no que tange a amplificação dos fatos narrados, mesmo que sejam construídos somente através da ornamentação. O convencimento maior, portanto, se dava pelas habilidades do orador em fazer com que, mesmo na “paz”, um sobrevivente pudesse escrever a “verdade”.

Portanto, podemos concluir que Tácito, como um historiador do Principado, também se insere nesse quadro. Sua história, nesse sentido, deve ser entendida através da ótica que privilegia sua leitura através dos preceitos contidos na retórica e na oratória. E, como vimos, o historiador latino consegue se firmar como um dos mais eruditos e complexos escritores sobre (e sob) o Principado romano. Dessa forma, introduzir a sua “matéria ruim” com elementos que lembravam uma tradição sangrenta e dolorosa das facções que guerreavam na guerra civil seria uma boa maneira de amplificar a importância dos conflitos e das disputas internas, além de dar maior visibilidade para os assuntos retratados. As intrigas, as bajulações, as delações e as mortes, portanto, passam a ter uma

amplificação retórica que fortalece a argumentação do orador e atua intrinsecamente na aceitação do discurso por parte do ouvinte.

Portanto, cabe ressaltar as escolhas que implicavam fazer uma obra do gênero historiográfico. O orador deveria se servir do passado, através da investigação e exposição dos acontecimentos que muitos dos seus ouvintes haviam presenciado. Assim, como juízes, seus ouvintes iriam julgar as habilidades do orador dentro do tema e do gênero que ele se propôs a escrever, sem se desvincularem do que realmente aconteceu. A história, portanto tinha características próprias que deveria ser seguidas por quem a escrevia. Contudo, isso não significava que o historiador não se apropriasse de elementos de outros gêneros do discurso para atingir o deleite, para ensinar e para mover a audiência (LENDON In: FELDHERR, 2009: 43).

Em suma, podemos afirmar que Tácito sabia muito bem que o seu tempo era muito diferente daquele em que grandes escritores puderam produzir suas obras com a devida liberdade em dizer a verdade. Ele também estava muito ciente que, após a vitória de Augusto em Ácio, não era mais necessário ao historiador recorrer a um passado remoto e idealizado como um remédio para as discórdias do presente. Em sua função de senador, historiador e orador, Tácito nos transmite um passado repleto de conflitos e governado pelas mãos de imperadores cercados de uma aristocracia decadente que era fruto da sujeição dos próprios súditos.

A narrativa dos grandes e turbulentos acontecimentos referentes às guerras civis pode ser do extremo agrado ao ouvinte, ao contrário das inúmeras disputas internas que cercaram a *domus Caesaris*. Contudo, como foi bem destacado por essa discussão, para Tácito é através do estudo dessas “coisas aparentemente fugazes” (Tácito, *Anais*, IV, 32, 2) que poderemos encontrar “o motivo de grandes coisas” (Tácito, *Anais*, IV, 32, 2). E Tácito, fazendo uma comparação com as outras histórias escritas sobre o povo romano, nos indica o seu diferenciado objeto de estudo, que são as “ordens cruéis, acusações contínuas, amizades enganosas, ruína inocentes e sempre as mesmas causas de morte atrelamos umas às outras” (Tácito, *Anais*, IV, 33, 3). Somado a isso, observamos que as guerras civis vencidas por Augusto e os conflitos que se originaram após a queda de Nero podem se constituir como uma alternativa interessante para entendermos como o historiador latino tenta explicar os acontecimentos de seu tempo.

Bibliografia

[CICERO] (1999). *Rethorica ad Herenium*. Translated by Harry Caplan. Cambridge, Massachussets: Harvard Uviversity Press.

[CÍCERO] (2005) *Retórica a Herênio*. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra.

ARISTÓTELES (2005). *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Biblioteca de autores clássicos.

BATSTONE, William W. (2009). Postmodern historiographical theory and the Roman Historians. In Andrew Feldherr (ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 24-41.

CHIAPPETTA, Angélica (1996). Não Diferem o Historiador e o Poeta: o texto Histórico como Instrumento e Objeto de Trabalho, *Língua e Literatura*, 22, 15-34.

CÍCERO (2009). *De oratore*. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero: Um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas. São Paulo: USP.

FELDHERR, Andrew (2009) (ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

GINSBURG, Judith (1981). *Tradition and theme in the Annals of Tacitus*. Salem, N.H.: Ayer.

GINZBURG, Carlo (1989). Ekphrasis e citação. In *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 215-232.

GINZBURG, Carlo (2002). *Relações de força: História, Retórica e Prova*. São Paulo: Companhia das Letras.

HADAS, Moses (1942). Preface and Introduction. In *The complete works of Tacitus*. Translated from the Latin by Alfred John Church and William Jackson Brodribb. New York: Modern Library, V-XXV.

- HARTOG, François (2001). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- HARTOG, François (2001). A testemunha e o historiador. In Sandra Pesavento (ed.) *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 11-41.
- HAYNES, Holly (2003). *The History of Make-Believe: Tacitus on Imperial Rome*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- HERÓDOTO (2001). *História: o relato clássico da Guerra entre gregos e persas*. Tradução de J. Brito Broca e introdução de Vítor Azevedo. São Paulo: Ediouro.
- JOLY, Fábio Duarte (2001). Teleologia e Metodologia Históricas em Tácito, *História Revista*, 6, 2, 25-50.
- JOLY, Fábio Duarte (2003). História e retórica em Tácito. In Marco Antonio Lopes (ed.). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Editora Contexto.
- JOLY, Fábio Duarte (2004). *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp.
- JOLY, Fábio Duarte (2005). Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero, *História*, 24, 111-127.
- JOLY, Fábio Duarte (2008). A escravidão no centro do poder: observações acerca da família Caesaris, *Fênix*, 4, 1, 1-11.
- JÚNIOR, Manuel Alexandre (2005). Introdução. In ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Biblioteca de autores clássicos.
- KENNEDY, George A. (1994). *A new history of Classical Rhetoric*. New Jersey: Princeton University Press.
- LONDON, J. E. (2009). Historians without history: Against Roman historiography. In FELDHERR, Andrew. *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 41- 63.
- LIMA, Luiz Costa (2006). *História, ficção e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.

LINTOTT, Andrew (2001). Roman historians. In John Boardman, Jasper Griffin, Oswyn Murray (eds.). *The Oxford illustrated history of the Roman world*. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press

LONGINO (1997). Do Sublime. In *A Poética Clássica*. Introdução Roberto de Oliveira Brandão; trad. do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 70-114.

MARINCOLA, John (2007). *A companion to Greek and Roman historiography*. Vol. 1. Oxford: Blackwell.

O'GORMAN, Ellen (2000). *Irony and misreading in the Annals of Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press.

POLÍBIO (1996). *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

QUINTILIANO (2010). Educação oratória (Livro X). In: *Rompendo o silêncio: a construção do discurso em Quintiliano*. Tradução de Antônio Martinez de Resende. Belo Horizonte: Crisálida.

REBOUL, Olivier (1998). *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

TACITE (1953). *Annales*. 3 vol. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres.

TÁCITO (1937). *As Histórias*. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Athena Editora.

TÁCITO (1952). *Anais*. Trad. J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores.

TÁCITO (1974). *Obras Menores*. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.

TACITO, Cornelio (2008). *Agrícola, Germania, Diálogo sobre Los Oradores*. Traducción J.M. Requejo. Madrid: Editorial Gredos.

TACITUS (1995). *The Histories*. Translated by Kenneth Wellesley. London: Penguin.

TACITUS (2004). *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge:

Hackett Publishing Company.

TITO LÍVIO (1989). *História de Roma (Ab urbe condita libri)*. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Editora Paumape.

TOWNEND, Gavin (2006). Literature and society. In *Cambridge Ancient History*. Volume X. Cambridge: Cambridge University Press.

TUCÍDIDES (1982). *História da guerra do Peloponeso*. Trad. e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

WHITE, Hayden (1992). *Meta-História: a Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP.

WHITE, Hayden (2000). The Modernist Event. In *Figural Realism: studies in the mimesis effect*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 66-86.

WOODMAN, A. J. (1998). History and Alternative Histories: Tacitus. In *Rhetoric in Classical Historiography*. London and New York: Routledge, 160-196.

WOODMAN, A. J. (2004). Introduction. In *The Annals*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company.

WOODMAN, A. J. (2004). *Rhetoric in Classical Historiography*. Taylor & Francis Library.

WOODMAN, A. J. (2009). *The Cambridge Companion to Tacitus*. Edited by A. J. Woodman. New York: Cambridge University Press.

ZÚÑIGA, José Tapia (2002). Prólogo. In Tácito, Cayo Cornelio. *Anales*. Trad. ZÚÑIGA, José Tapia. México Ciudad Universitária; Universidad Nacional Autónoma de México, Bibliotheca Scriptorvm Graecorvm et Romanorvm mexicana, 9-34.